

AS QUINTAS DE RECREIO COMO PRECURSORAS DA AGRICULTURA URBANA

Rute Sousa Matos
Paula Simões

CHAIA; Universidade de Évora

Resumo

As *quintas de recreio* constituem um paradoxo cultural, expressão da dialética da natureza e do artifício. Ao longo de toda a história da arquitetura ocidental, distinguem-se das quintas agrícolas, no seu processo construtivo, pelo investimento programático intensivo nos objetivos ideológicos, sempre mais evidente no desenho das *quintas de recreio* do que em qualquer outro tipo de construção, pois a imagem deste refúgio no campo foca-se, não tanto na acomodação das funções rurais claramente definidas, como na existência de valores que não estão na cidade. A cidade como local de interação social é inevitavelmente mundana e temporal, enquanto o campo, no confronto com as forças brutas imanentes e os sensuais encantamentos da natureza, solicita respostas inspiradas. Também o mesmo repertório dos benefícios da presença do campo na cidade está nelas presente ao longo dos séculos: as vantagens das práticas agrícolas, o bem-estar físico e psíquico conferidos pelo ar puro e pelo exercício físico – particularmente a caça e a descontração dada por atividades como a leitura, o convívio e a contemplação da paisagem onde se integra. A quinta de recreio é a permanência, em espaço urbano, desta necessidade do recreio associado à produção, da utilidade associada ao prazer, que tanto se defende atualmente nas cidades. Acompanham a evolução e as transformações culturais no decorrer dos tempos, pois a sua ideologia de natureza mítica liberta-as de qualquer tipo de restrições mundanas de utilidade e de produtividade, tornando-as ideais para as aspirações criativas. Sendo periféricas são urbanas por fundação, função e vivência.

Abstract

Quintas de Recreio are a cultural paradox, an expression of the dialectic of nature and artifice. Throughout the history of western architecture they are distinguished from agricultural farms, in their construction process, by the intensive programmatic investment in ideological objectives, always more evident in the design of Quintas de Recreio than in any other type of construction. This happens because their image of refuge in the countryside focuses, not so much on the accommodation of clearly defined rural functions, but in the existence of values that are not in the city. The city as a place of social interaction is inevitably worldly and temporal, while the countryside, in confrontation with the immanent brute forces and the sensual enchantments of nature, calls for inspired responses. The same repertoire of the benefits of the presence of the countryside in the city is also present in them over the centuries: the advantages of agricultural practices, the physical and psychological well-being conferred by fresh air and physical exercise – particularly hunting and relaxation given by activities such as reading, socializing and contemplating the landscape in which it is integrated. Quintas de Recreio are the permanence, in the urban space, of this need for recreation associated with production, of the utility associated with pleasure, which is so much defended today in the cities. They follow the evolution and cultural transformations over time, as their ideology of a mythical nature that gets them free from any kind of mundane restrictions of utility and productivity, making them ideal for creative aspirations. Being peripheral, they are urban by foundation, function and experience.

Introdução

Esta reflexão surge a partir de um olhar sobre a paisagem, sobre a cidade e sobre a prática da agricultura urbana.

A enorme importância que o sistema de espaços abertos tem e sempre teve na construção da cidade, no seu equilíbrio, na sua identidade e na sua vivência levou-nos a uma análise da evolução da cidade e do processo de transformação a que tem vindo a ser sujeita, não só sobre o ponto de vista conceptual e ideológico mas também em termos morfológicos determinados por diferentes contextos socioeconómicos e culturais.

Também a necessidade de um maior entendimento sobre a qualidade da paisagem e partindo da ideia que esta deverá surgir como estrutura fundamental e basilar na qualificação do espaço urbano, nos conduziu à reflexão sobre a multifuncionalidade que lhe é inerente e na qual é frequente a referência às componentes estética, social, ecológica, económica e cultural e, consequentemente, à função de proteção, de produção e de recreio.

Desta reflexão surge a ideia da produção associada ao recreio como componente fundamental de uma paisagem que estrutura, qualifica e dá continuidade ao tecido urbano através dos seus espaços intersticiais, espaços abertos e periferias, até ao campo, promovendo uma relação articulada entre a dicotomia *cidade-campo*, e que se deverá materializar através de uma estrutura de paisagem produtiva e de recreio no espaço urbano. Esta ideia concretiza-se, ou pode consubstanciar-se, através da agricultura urbana, a qual é perfeitamente compatível com atividades lúdicas e de recreio como há muito defende Ribeiro Telles, e como o provam as *quintas de recreio*, em Portugal.

A agricultura urbana é então aqui considerada nas suas diversas vertentes - ecológica, cultural, social, económica e estética - como constituinte do contínuo natural e cultural que estrutura o tecido urbano e as periferias, através dos seus espaços abertos e intersticiais, fazendo a articulação e estabelecendo uma relação com o campo.

Esta opção alicerça-se num carácter histórico temporal – a multifuncionalidade da paisagem mediterrânica, da qual a paisagem portuguesa é parte; noutro de carácter conceptual e prático, que se prende com o quadro teórico e prático da arquitetura paisagista; e por fim, na resposta que pode ser dada pela agricultura urbana à conjuntura mundial de crise e do aumento da população urbana prevista nas próximas décadas.

A agricultura na cidade é uma prática que se verifica desde sempre, quer no interior da cidade consolidada, quer nas suas periferias, nomeadamente nas *quintas de recreio*, onde à produção se associa o recreio, diferenciando estes espaços de qualquer outro espaço em Portugal. E é com este facto que esta reflexão se materializa: a proposta da integração da agricultura urbana na abordagem ao projeto de paisagem no espaço urbano, também em termos conceptuais, contribuindo para o retorno à multifuncionalidade da paisagem, através da existência de uma estrutura de paisagem contínua onde, à semelhança das *quintas de recreio*, a produção, o recreio e a proteção deverão estar presentes de forma indissociável.

Sobre a Agricultura, os Jardins, a Cidade e as Quintas de Recreio

Ao longo da história, agricultura e horticultura são indissociáveis da arte da paisagem e dos jardins, até ao Renascimento, quando a arte dos jardins se afirma de maneira autónoma, como o confirmam variadíssimos textos, baseados na teoria das três naturas: a principal - a natureza propriamente dita, a segunda – a útil (agrícola e urbana) e a terceira - o recreio (jardim).

Esta teoria, sustem que os espaços agrícolas foram conquistados à primeira natura e estas duas naturas criaram a terceira, refinando o vocabulário da sua linguagem simbólica. Da pradaria ao prado, do bosque ao bosque, da caverna ao ninfeu, da bacia de irrigação à fonte, do canal de rega ao canal do parque. Assim, o valor atribuído ao campo mudou quando uma parte da sociedade começou a considerá-lo para usos diversos daqueles exclusivamente agrícolas.

Em Portugal, a partir do século XIV, assiste-se a um surto urbano onde, apesar do seu carácter campesino e da forte ligação à paisagem circundante, emergem algumas cidades que se distinguem do campo pelas características da sociedade dinâmica, complexa e relativamente livre que apresentam.

As parcelas hortofrutícolas existentes na cidade têm como objetivo a produção como complemento alimentar indispensável à subsistência mas também se traduzem num fator económico da urbe, uma vez que estas unidades de policultura são responsáveis pela produção dos frescos que a população da cidade consome, desempenhando também um papel fundamental no equilíbrio das trocas comerciais com o estrangeiro (Carapinha, 1995). No entanto, a relação que o homem estabelece com estes espaços não se esgota numa dependência apenas de produção ou de complemento alimentar e económico. Estes constituem também lugares de repouso, de alegria, de canções, danças, amores, debates, espaços de quietação e inquietação e, por vezes, símbolo de prestígio. São espaços privados, intimistas, mas também de sociabilidade e de encontros vários.

O seu carácter produtivo impõe-lhe características espaciais muito próprias que se prendem, sobretudo, com razões ligadas, essencialmente, à funcionalidade, à facilidade dos trabalhos, às rotações das colheitas e à intensificação da produção, que determinam que as parcelas hortofrutícolas se organizem segundo uma retícula regular que divide e controla as diversas áreas de cultivo (Fig. 1).

Relativamente às ambiências, estas parcelas hortofrutícolas desenham-se, também, como espaço de fruição, lazer, num quadro de natureza “domesticada” (Carapinha, 1995), ordenada segundo princípios produtivos mas que, pela organização espacial, pela abundância de frutos, pela vegetação que anima o espaço e pela frescura que a sombra e a água proporcionam, revelam-se como lugares aprazíveis e amenos. Pelo carácter que apresentam e pela vivência que proporcionam possibilitam a materialização e a formalização da ideia de jardim.

Após a reconquista, as quintas – unidades agrícolas policulturais onde se praticava a cultura da vinha, de alguns frescos, árvores de fruto e alguns cereais - passaram

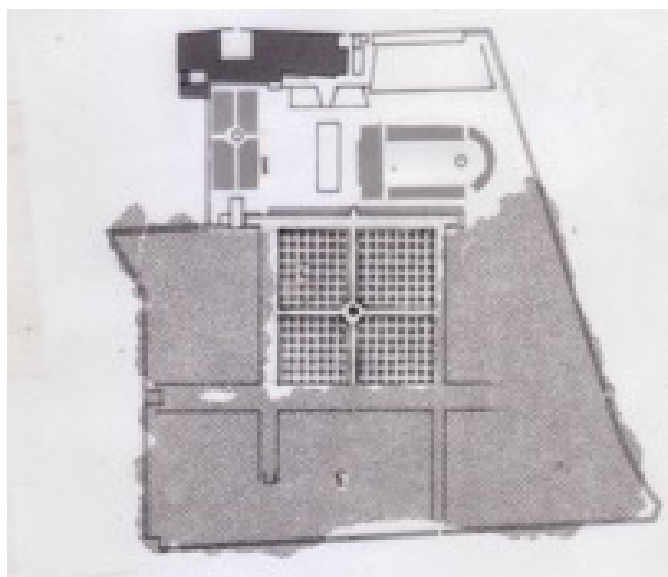


Fig 1 - Quinta do General em Borba

para a mão de nobres, da coroa e da igreja, que não trabalhavam diretamente a terra, e onde os camponeses se viam obrigados a trabalhar gratuitamente. Esta mudança da posse de propriedade fez com que as quintas adquirissem outra vertente para além da agrícola – passando a constituir-se como lugar de evasão, de uma forma mais afirmada no séc. XVI, quando o ambiente cultural e económico, gerado pelo movimento das descobertas o proporcionou.

No século XVIII o agricultor inglês ultrapassou o homem da corte, os fisiocratas eliminaram os cortesãos e os viajantes botânicos Cook e Bougainville deram luz nos confins do mundo. O sentimento nacionalista emergia e nascia o romantismo enquanto em Inglaterra começava a desenvolver-se a periferia operária. No século XVIII, o retorno dos intelectuais às fontes antigas, gregas e latinas, voltou às celebrações virgilianas dos prazeres da natureza, antídoto contra os horrores da cidade. Paralelamente surge a corrente do jardim paisagista, que se fundava numa ideia simples: a riqueza dos prazeres do campo reinventado, onde se podiam encontrar cenas exóticas, capazes de estimular a mente e os sentidos, onde os espectadores eram as personagens.

Por sua vez, em Portugal quase todas as cidades portuguesas se rodearam de *quintas de recreio*, que são uma realidade distinta da quinta agrícola, exclusivamente de produção e da torre senhorial, símbolo de poder político e económico. As *quintas de recreio* são, acima de tudo, espaços que conjugam o lazer, o ócio e o recreio com o rendimento económico, determinando uma construção distinta da arquitetura tradicional das quintas agrícolas. O seu proprietário já não é o agricultor, mas o cidadão que a habita de uma forma temporária, o que determina a existência de novos requisitos de conforto que têm como consequência novas linguagens arquitetónicas que levam, também, a transformações na propriedade rural e no próprio sistema produtivo.

Tornam-se então num refúgio da vida agitada das cidades, constituindo lugares calmos e saudáveis, favorecidos pelos benefícios do campo, ao mesmo tempo que é possível usufruir o conforto da cidade. Transformam-se em lugares de recreio, de quietação, mas também um símbolo de urbanidade, não existindo só por si, mas em contraponto à vida citadina. Também em termos económicos ela depende da cidade, uma vez que surge dos excedentes financeiros que proporciona e que se mantem pela comercialização dos seus produtos.

A ludicidade distingue, essencialmente, as *villae/quintas de recreio* da quinta rústica (Ackerman, 1985). Enquanto a segunda apresenta uma estrutura simples e a permanência de formas tradicionais, quer relativamente ao edifício, quer relativamente ao espaço de produção, a quinta de recreio responde não só a uma necessidade material, mas também a uma necessidade psicológica, de lazer, que lhe determina uma organização, quer do edificado, quer do espaço de produção, mais complexa, podendo ser exemplo de grande modernidade.

Em Portugal, a componente produtiva nunca se perdeu na quinta de recreio. Mesmo sofrendo transformações ao longo do tempo, de acordo com os vários momentos culturais que atravessou, revelou sempre um apego às características espaciais tradicionais ligadas à produção. O espaço constrói-se num engenhoso artifício que procura irmanar beleza e utilidade, no sentido em que o útil parece só feito para a beleza, enquanto o belo não deixa de ser igualmente útil (Fig.2).

A ideia de jardim não se traduz tanto na diferente organização espacial que apresenta, mas essencialmente ao nível das ambiências que se vivem nestes espaços e dos pormenores de valorização decorativa que apresentam.

Ao adotar-se e adaptar-se a quinta, unidade agrícola, como espaço preferencial para o recreio, aceitou-se, também, como passível de fruição, todo o sistema de produção. Recreio e produção mais que coabitarem o mesmo espaço fundem-se. Meios e fatores de produção ganharam valor plástico, ornamental, decorativo, através de materiais inertes ou vivos. Esta comunhão gera uma continuidade da ideia de jardim por todo

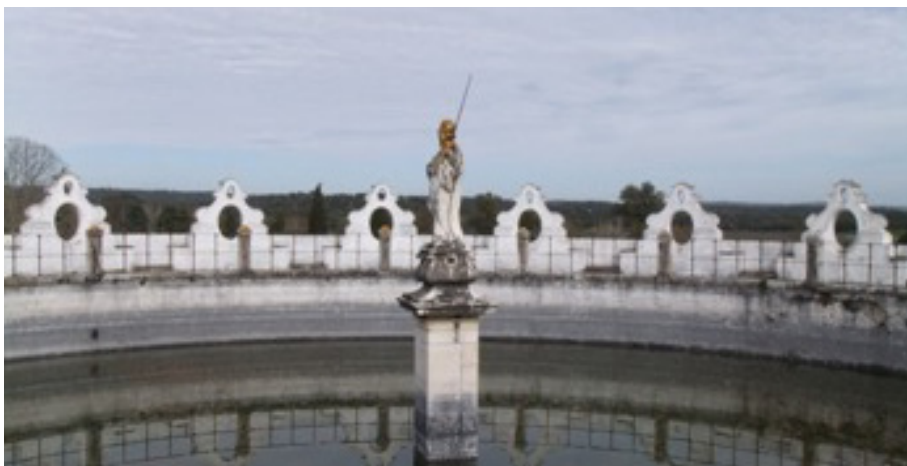


Fig. 2 - Quinta do Paço de Valverde em Évora

o espaço que leva ao desvanecimento, ainda que ilusório, do carácter produtivo, conferindo ao espaço de produção qualidade estética. Quando não o transmutava totalmente em “jardim” criava, pelo menos, intervalos, descontinuidades produtivas, onde perpassava a espiritualidade do jardim-ideia. É o que acontece em muitas das quintas populares, onde apesar da grande carga produtiva que apresentam, sente-se aquela “filosofia de espaço” (Carapinha, 1995).

No século XIX, quando o espaço urbano se torna soberano, a segunda natura foi praticamente esquecida, lentamente esvaziada pelo êxodo rural, sendo introduzida a terza natura na cidade para curá-la, embelezá-la e suavizá-la.

Uma relação mais próxima entre as populações urbanas e a produção de alimentos foi amplamente vivida durante a Revolução Industrial Vitoriana. No final do século XIX a dimensão das grandes cidades industriais com o seu denso desenvolvimento urbano e a falta de espaços verdes, afastou bastante população de qualquer contacto imediato com a produção de alimentos. As condições de vida insalubres e desesperantes dos operários das fábricas e a alienação da natureza constituíram causas de grande preocupação. Uma das tentativas de reintrodução de espaços abertos no espaço urbano foi o desenvolvimento dos parques municipais. Outra das medidas foi o desenvolvimento de hortas urbanas que tiveram um grande protagonismo no livro de Ebenezer Howard – *Garden Cities of Tomorrow* - constituindo elementos chave.

Também com Le Corbusier, e apesar de não a designar como tal, a agricultura urbana e periurbana tiveram um papel central no seu pensamento urbano. No seu livro *The City of Tomorrow*¹, Corbusier descreve precisamente como a agricultura pode existir sem reduzir o total da densidade dos subúrbios. Por volta de 1945 definiu *Três estabelecimentos urbanos*²: A Unidade da Quinta, a Cidade Industrial Linear e a Cidade Rádio-Concêntrica, em transformação. Se revirmos, hoje, estas propostas, a unidade-quinta de Corbusier pode também ser considerada agricultura periurbana. A rede triangular das cidades lineares por si proposta resultaria em produção de alimento para as cidades nos limites normalmente estabelecidos pelos gestores do Mercado dos agricultores de Londres.

Com uma posição diferente de Corbusier, surge Frank Lloyd Wright, que publicou, em meados do século XX e até ao fim da sua vida, uma série de ensaios publicados em *The Living City*³.

Tal como a visão de Le Corbusier, a cidade viva de Wright celebra a variedade na unidade de uma forma original. Na sua proposta encontramos uma visão que ecoa no pensamento arquitetónico atual acerca da essência e do poder gerador do conceito de paisagem⁴. Esta noção de *Arquitetura e Terra Agrícola* é talvez a maior

[1] Corbusier. (1947). *The City of Tomorrow and its Planning*. London: Architectural Press.

[2] Corbusier. (1997). *Les Trois Etablissements Humains*. Paris : Editions de Minuit. Collection Forces Vives.

[3] Wright, F. (1961). *La Ciudad Viviente*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora.

[4] Arquitetura e acres (terra agrícola) serão vistas em conjunto enquanto paisagem, como aconteceu no melhor da antiga arquitetura, e tornar-se-ão cada vez mais essenciais uma à outra. (Wright, 1961).

contribuição de Wright para os arquitetos, urbanistas e arquitetos paisagistas atuais. Como ideia, liberta-nos de distinções entre urbano e suburbano, ajudando a articular uma visão da cidade conduzida pela intensificação ecológica, onde as paisagens produtivas podem igualar o desenvolvimento tradicional do espaço edificado.

Durante a reconstrução da Europa, depois da Guerra, Mumford reintroduz o uso rural nas cinturas verdes atribuídas ao território regional. Com este modelo urbano de *campo-lazer*, Mumford enfrentou concretamente a questão do restabelecimento da habitabilidade da cidade, insistindo sobre a funcionalidade dos espaços abertos e, tentou encontrar uma resposta adequada às necessidades de cada cidade.

Todos estes precursores, capazes de promover pensamento e prática de planificações duradouras não puderam prever as reações dos movimentos ambientalistas, ecologistas ou, até mesmo, verdes, a partir dos anos setenta do século XX, na Europa, que começaram a influenciar cada vez mais as decisões em matéria de política urbana. Provavelmente, Mumford não faria ideia quando insistia sobre a importância da atribuição das funções biológicas dos espaços abertos; mas a esta questão ele ainda sobrepôs as funções sociais: *Retomar a posse da paisagem para retomar a posse de nós mesmos*⁵.

Vimos que no decorrer dos tempos, a presença das práticas agrícolas na cidade, tanto de uma forma ideológica como funcional é uma constante. Esta prática verificou-se, quer nos quintais e pequenos hortos no interior da cidade consolidada, quer nos espaços agricultados da sua envoltória (*villae* e quintas) (em Portugal nas *quintas de recreio*), onde, como vimos, a componente da produção nunca se perdeu, tendo-se verificado uma transformação a partir do renascimento onde a ludicidade impera sobre a componente produtiva.

A essência das *quintas de recreio* está enraizada no contraste e na dicotomia entre o campo e a cidade, onde as virtudes e as delícias do campo estão tão presentes como os vícios e os excessos da cidade. Tanto uma como a outra são símbolo de urbanidade, de viver melhor a cidade. Esta expressão é perfeitamente explícita, como vimos, em Plínio, na literatura da Roma antiga, e em Paládio, seiscentos anos mais tarde. Já no século XX, e apesar de todas as suas divergências, Wright e Corbusier foram os atores mais influentes para a permanência das *villae* na época moderna. A sua atenção, tal como as dos arquitetos que pensaram e construíram as *villae* ao longo dos tempos, focou-se na criação e manutenção de um equilíbrio entre a natureza e a cultura, responsável pelas suas e pelas coetâneas convicções e sentimentos. Frank Lloyd Wright, antagonista da urbanização, abordou a relação da habitação com a terra encontrando vocabulários e sintaxes independentes dos da história da arquitectura ocidental. Le Corbusier, nas suas *villae* quis cumprir a promessa da industrialização conjugando-a com os ideais da tradição clássica europeia. Enquanto divergiam nas suas abordagens programáticas, estes dois arquitetos, estiveram sempre muito próximos, inconscientemente, pois ambos acreditavam, e queriam desesperadamente persuadir os outros a acreditar, que

[5] Mumford, L. (1964) Paysage naturel et paysage urbain (p. 429). In : Le Dantec (Ed.) 1996. ob. cit. (a tradução é nossa).

através do desenho se podia viver um mundo melhor, física e espiritualmente (Ackerman, 1985).

Expressão da dialética da natureza e do artifício, a quinta de recreio portuguesa constitui um paradoxo cultural. O que a distingue de uma quinta agrícola no seu processo construtivo, ao longo de toda a história da arquitetura ocidental, desde os tempos de Horácio e Plínio é o investimento programático intensivo nos objetivos ideológicos. Esta questão foi sempre mais evidente no seu desenho do que em qualquer outro tipo de construção, pois a imagem deste refúgio no campo foca-se, não tanto na acomodação das funções rurais claramente definidas, como na existência de valores que não estão na cidade. A cidade como local de interação social é inevitavelmente mundana e temporal, enquanto o campo, no confronto com as forças brutas imanescentes e os sensuais encantamentos da natureza, solicita respostas inspiradas.

Nesta brevíssima incursão pela história das *quintas de recreio*⁶, verificamos que o mesmo repertório dos benefícios da presença do campo na cidade está nelas presente ao longo dos séculos: as vantagens das práticas agrícolas, o bem-estar físico e psíquico conferidos pelo ar puro e pelo exercício físico – particularmente a caça, e a descontração dada por atividades como a leitura, o convívio e a contemplação da paisagem onde se integra.

Não são as quintas agrícolas, dedicadas exclusivamente à produção que asseguram esta necessidade de recreio associado à produção. Estas mantiveram-se ao longo do tempo sem grandes alterações assegurando a função produtiva e de abastecimento da cidade. São sim as *villae* e as *quintas de recreio*, em Portugal, que acompanham a evolução e as transformações culturais no decorrer dos tempos, pois a sua ideologia de natureza mítica liberta-a de qualquer tipo de restrições mundanas de utilidade e de produtividade, tornando-a ideal para as aspirações criativas de proprietários e arquitetos, ainda que limitada pelo gosto ou pela moda. As *quintas de recreio* prendem a nossa atenção porque, através dos séculos, articularam conceitos e emoções de culturas diferentes no que diz respeito ao diálogo entre a cidade e o campo, entre artifício e natureza, formalidade e informalidade. A quinta de recreio dá forma às preocupações humanas universais. Sendo periférica e por isso considerada por vezes rural, é urbana por fundação, função e vivência.

Considerações Finais

Produção/recreio, recreio/produção - é desta relação que se verifica ao longo dos séculos que afirmamos que as *quintas de recreio* são precursoras da agricultura urbana que defendemos e que queremos promover enquanto estrutura produtiva e contínua, à qual se associam as funções de proteção e recreio.

[6] Para desenvolvimento do conhecimento sobre as villae veja-se a obra, já clássica mas completamente actual, de James Ackerman. Ackerman, J. S. (1985) The villa. Form and ideology of country houses. Princeton: The A.W. Mellon Lectures in the Fine Arts, 1985. Bollingen Series 35. Sobre as Quintas de Recreio veja-se a tese de doutoramento de Aurora Carapinha. Carapinha, A. (1995). Da essência do jardim português (Vol 1). Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal.

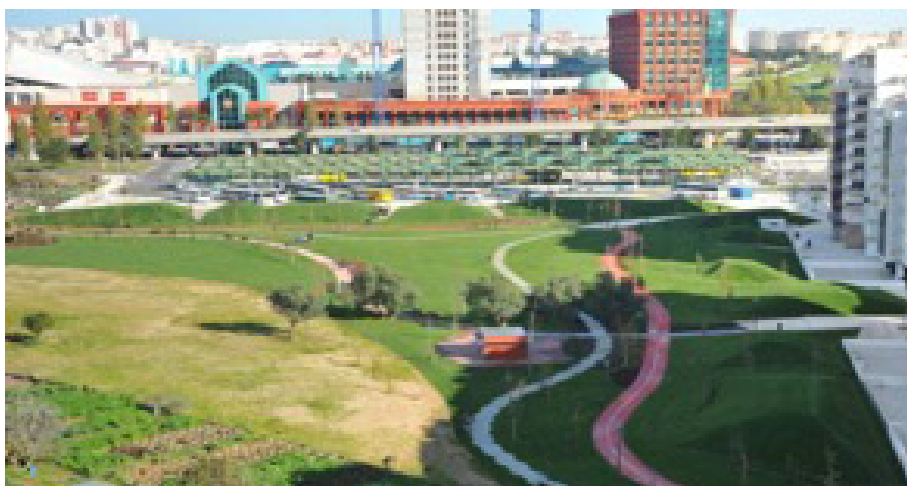


Fig. 3 - Parque e hortas urbanas da Granja, em Lisboa

Se pensarmos na agricultura urbana, nas suas potencialidades e na sua pertinência atual, podemos considerar o espaço agrícola, no sentido mais vasto do termo, como uma infraestrutura natural de interesse público (Matos, 2011). A sua reversibilidade permite, sobretudo, a possibilidade de um projeto aberto, pondo à disposição espaços abertos públicos de lazer (Fig. 3), com a condição que seja garantida a segurança dos bens e das comunidades.

Nas paisagens urbanas produtivas uma grande variedade de ocupações poderá ocorrer em simultâneo, testemunho da sua multifuncionalidade, tais como a jardinagem, a agricultura, o desporto, as atividades de lazer, que poderão ser prática de uma grande quantidade de ocupantes. Também à semelhança das *quintas de recreio* o seu carácter produtivo permite obter retorno económico e as degradações ambientais poderão ser reduzidas, assim como poderá existir um aumento da biodiversidade.

Como vimos, as *quintas de recreio* surgem como um todo organizado, lugares versáteis, onde recreio e produção partilham o mesmo espaço, invadindo-se e estabelecendo relações formais e funcionais. São espaços bucólicos onde, em área destinadas à produção, se encontram elementos construídos, quer arquitetónicos, quer escultóricos, que definem locais de estadia agradáveis, onde a sombra, a luz, a água, os aromas e os sons se conjugam criando uma ambiência particular. Da conjugação destes elementos, nasce um espaço que, aparentemente, não apresenta uma estrutura racionalista e globalizante, não sendo a sua apreensão linear, imediata, mas sim construída de momentos e histórias. São ideologicamente, socialmente e economicamente um símbolo de urbanidade e, como tal, estão intimamente ligadas à cidade. Não existem só por si, mas em contraponto à vida citadina.

A analogia da agricultura com os jardins relaciona-se, também, numa estrutura subjacente, quantificável, infraestrutural, onde as culturas obedecem a movimentos e dinâmicas relacionadas com exigências de transferência de energia. E aos quais estão inerentes princípios éticos e estéticos.

Consideramos então a quinta de recreio portuguesa, como a permanência, em espaço urbano, desta necessidade do recreio associado à produção, da utilidade associada ao prazer que tanto se defende atualmente nas cidades, sob a forma da estrutura de paisagem contínua e produtiva que referimos e defendemos e que terá como objetivo a recriação da unidade cidade campo, a reinvenção da multifuncionalidade da paisagem e o desenvolvimento de forças que permitem a vida, no sentido de uma cada vez maior atividade biológica dos sistemas que integram a paisagem e respondem à inquietação estética e às necessidades sociais e culturais da atualidade.

Bibliografía

- ACKERMAN, J. S. (1985). *The villa. Form and ideology of country houses*. Princeton: Princeton University Press.
- CARAPINHA, A. (1995). *Da essência do jardim português* (Vol 1). Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- CORBUSIER. (1947). *The City of Tomorrow and its Planning*. London: Architectural Press.
- CORBUSIER. (1997). *Les Trois Etablissements Humains*. Paris : Editions de Minuit. Collection Forces Vives
- MATOS, R. (2011). *A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- MUMFORD, L. (1964) *Paysage naturel et paysage urbain* (p. 429). In : Le Dantec (Ed.) 1996. ob, cit. (a tradução é nossa).
- WRIGHT, F. (1961). *La Ciudad Viviente*. Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora.